



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS
LITERATURAS**

JOSEILMA PINHEIRO DE OLIVEIRA

**A LUTA PELA (R)EXISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NAS PERIFERIAS DO
BRASIL: UMA LEITURA DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA
FAVELADA***

**PATU-RN
2025**

JOSEILMA PINHEIRO DE OLIVEIRA

**A LUTA PELA (R)EXISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NAS PERIFERIAS DO
BRASIL: UMA LEITURA DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA
FAVELADA***

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Campus Avançado de Patu- CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Alyne Isabele Duarte da Silva

Linha de pesquisa: Texto literário e crítica cultural

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

O48l Oliveira, Joseilma Pinheiro de.
 A luta pela (r)existência da mulher negra nas periferias do Brasil: uma leitura da obra Quarto de despejo: Diário de uma favelada. / Joseilma Pinheiro de Oliveira. - Patu/RN, 2025.
 18 pág.

Orientador(a): Profa. Dra. Alyne Isabele Duarte da Silva.
Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Racismo. 2. Mulher negra. 3. Denúncia. 4. Identidade.
I. Duarte da Silva, Alyne Isabele. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

JOSEILMA PINHEIRO DE OLIVEIRA

**A LUTA PELA (R)EXISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NAS PERIFERIAS DO
BRASIL: UMA LEITURA DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE
UMA FAVELADA***

Artigo científico apresentado ao Departamento de Letras Vernáculas – DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu, como requisito para a obtenção do título de graduado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 26/11/2025.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ALYNE ISABELE DUARTE DA SILVA**
Data: 04/12/2025 14:22:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alyne Isabele Duarte da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -
UERN

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIA SUELI DA SILVA GOMES**
Data: 04/12/2025 17:02:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Antonia Sueli da Silva Gomes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -
UERN

Documento assinado digitalmente
 **VANESSA BASTOS LIMA**
Data: 08/12/2025 08:54:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Vanessa Bastos Lima
Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte -

A LUTA PELA (R)EXISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NAS PERIFERIAS DO BRASIL: UMA LEITURA DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*

Joseilma Pinheiro de Oliveira¹
Alyne Isabelle Duarte da Silva (Orientadora)²

RESUMO

Este trabalho tem como tema central a luta pela (r)existência da mulher negra nas periferias brasileiras, a partir da leitura da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus. O objetivo é analisar os desafios enfrentados por mulheres negras em contextos periféricos, refletindo sobre a figura da própria autora como símbolo de resistência e denúncia social. A pesquisa também busca compreender como os demais personagens da obra percebem a mulher negra, revelando estigmas e preconceitos que atravessam a narrativa. Para embasar a análise, serão utilizados autores como Lejeune (1991), Araújo (2015; 2020) e Carneiro (2020), entre outros, que contribuem para o aprofundamento das discussões sobre identidade, racismo, gênero e narrativa autobiográfica. A abordagem teórica considera a interseccionalidade como ferramenta essencial para compreender as múltiplas opressões vividas pelas mulheres negras. Os resultados evidenciaram que a obra de Carolina Maria de Jesus ultrapassa o relato pessoal e se configura como instrumento político e literário de denúncia. A pesquisa mostrou como sua escrita contribuiu para a construção de uma memória coletiva, fortalecendo o debate feminista e antirracista no Brasil. Além disso, busca revelar a permanência de desigualdades históricas que ainda afetam a vida das mulheres negras em espaços marginalizados.

Palavras-chave: Racismo; Mulher negra; Denúncia; Identidade.

ABSTRACT

This research focuses on the struggle for (re)existence of Black women in Brazilian peripheral communities, based on the reading of *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960) by Carolina Maria de Jesus. The study aims to analyze the challenges faced by Black women in marginalized urban spaces, reflecting on the author's own role as a symbol of resistance and social critique. It also examines how other characters in the narrative perceive Black women, revealing persistent stereotypes and social stigmas. To support this analysis, the research draws on theoretical contributions from authors such as Lejeune (1991), Araújo (2015; 2020), and Carneiro (2020), among others, enriching the discussion on identity, racism, gender, and autobiographical narrative. The concept of intersectionality is central to understanding

¹ Graduanda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. E-mail: joseilmapinheiro@alu.uern.br

² Dra. em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Email: alyneisabele@uern.br

the overlapping systems of oppression that affect Black women in these contexts. The expected outcomes include demonstrating that Carolina Maria de Jesus's work transcends personal testimony and serves as a political and literary tool of denunciation. Her writing contributes to the construction of a collective memory and strengthens feminist and anti-racist discourse in Brazil. Furthermore, the study seeks to highlight the enduring effects of historical inequalities that continue to shape the lives of Black women in peripheral areas.

Keywords: Racism; Black woman; Complaint; Identity.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante do contexto histórico da ditadura militar, algumas obras como *Memórias da Ditadura militar* (2018) de Rubens Paiva e *Violação dos direitos das mulheres na ditadura militar* (2015) de Maria Amélia de Almeida Teles apresentam a realidade de opressão causada pelo Governo de Castelo Branco, deixando vestígios nas histórias de muitas mulheres. Durante esse período, que ocorreu de 1964 a 1985, as mulheres negras e pobres viveram situações de sobrevivência, resistência e repressão dos governantes, essas mulheres lutaram de forma incansável com protestos, associações entre outros meios de resistência, no qual buscavam alguma melhoria para suas vidas. A realidade dessa população que estava inserida nesse contexto era totalmente ignorada e desprezada, elas sofriam violências psicológicas, físicas e abusos sexuais. Dentre essas mulheres estão mães, mulheres negras, de classes sociais baixas, incluindo as jovens das periferias, homossexuais, indígena e camponesas. Além desse tipo de violência, essas pessoas sofriam também outros crimes como o racismo, desigualdade social e machismo.

Em meio a esse período, surge a escritora negra e favelada Carolina Maria de Jesus em que começa a escrever sobre a sua vivência na favela, denunciando o que as mulheres sofriam e as lutas que elas enfrentaram ao longo dos seus dias, com isso:

A intimidade com a fome e a discriminação sentida na pele deixaram marcas na obra de uma das mais importantes escritoras negras da literatura brasileira. Mulher negra, mãe solo e moradora de uma comunidade pobre, Carolina Maria de Jesus nunca deixou de retratar em seus livros problemas sociais e de atribuir culpas a governantes do país já no início do século passado (Rodrigues, 2022).

O fragmento sintetiza de maneira que glorifica a escritora por sua força e a sensibilidade do impacto de suas vivências para a produção literária, reconhecendo a denúncia encontrada em suas palavras de maneira que foi resistindo historicamente à marginalização da mulher negra no Brasil.

A obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960) escancarou, com crueza e coragem, a realidade da pobreza urbana brasileira nos anos que antecederam a ditadura militar. Carolina Maria de Jesus rompeu o silêncio imposto às vozes marginalizadas, expondo o abandono do Estado e a fome cotidiana vivida nas periferias de São Paulo. Jesus deixa transparecer no seguinte fragmento:

18 DE JULHO Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber... 60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de Cacao para Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou

impricar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela. (Jesus, 1960, p. 18)

Jesus não suaviza a sua miséria, não romantiza a situação da favela e não se cala diante de toda omissão e ódio imposto pelos outros moradores. A autora rompe o silêncio colocado às classes populares, demarcando que a fome não é fruto da sua situação, mas sim, negligência do Estado.

Com o crescimento da escrita de Jesus, passaram a ser denunciados muitos problemas daquele período, um dos mais abordados foi a questão da fome. Atualmente, a autora passou a ser considerada uma das escritoras mais conhecida por denunciar as questões sociais, porém levou um tempo para que a sua escrita se tornasse uma referência no âmbito da literatura, com isso

Carolina Maria de Jesus é, incontestavelmente, um dos maiores símbolos políticos, literários e culturais do país. Sua relevância pode ser observada na forma como movimentos sociais que lutam pelo direito à cidade, à moradia, à educação, à igualdade racial e de gênero a têm como referência. (IMS, 2022)

Sendo assim, diante da escrita do seu primeiro livro, *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (1960), a autora se inscreve – ainda que posteriormente – no terreno da literatura brasileira, ao demonstrar a realidade de mulheres periféricas e de como viviam. Jesus escreveu sobre seu dia a dia na favela, como uma espécie de denúncia social, no qual ela denunciava tanto o Estado, como os próprios moradores da favela, pois até mesmo dentro da periferia ela sofria racismo e preconceito.

Segundo Mônica Alexandre Santos no livro *Trazendo Carolina Maria de Jesus para o direito*, a autora coloca:

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira, mãe solo e negra, que viveu na favela do Canindé, em São Paulo. Ela era vista como uma voz à frente do seu tempo, que abordava temas como a pobreza, a desigualdade e a discriminação racial. (...) A difícil realidade de Carolina Maria de Jesus reflete-se, até hoje, nas dificuldades enfrentadas por mulheres negras e periféricas no exercício profissional (...) (Santos, 2023, p. 13).

Carolina Maria de Jesus foi uma autora que de acordo com a sua escritura, começou a representar várias vozes de mulheres negras marginalizadas das periferias do Brasil, acarretando assim a demonstração da realidade, por mais que o estilo de escrita e linguagem da autora, ainda que se distancie na norma culta, representa um lugar social em que ela está inserida na década de 1960, no qual é possível perceber paralelos com o cenário atual do Brasil.

Com isso, a importância da literatura na vida de Carolina Maria de Jesus surgiu mediante uma professora que ela teve, “Seria uma deslealdade de minha parte não revelar que o meu amor pela literatura foi-me incutido por minha professora, dona Lantina Salvina, que aconselhava-me para eu ler e escrever tudo que surgisse na minha mente.” (Jesus, 2014, p.169). Jesus utilizou o conselho da professora para escrever sua vida. A autora foi a pessoa pela qual representou as inúmeras vozes das pessoas negras que residem em condições miseráveis no mesmo ambiente em que vivia, entretanto, a visibilidade de seus trabalhos e o início do seu sucesso se deu por causa do jornalista Audálio Dantas, o qual ajudou Jesus na sua publicação, pois o

jornalista tinha muita influência. Segundo as autoras Arruda, Barroca, Tolentino e Marreco (2016) afirmam que “Há, diga-se, certa perversidade nestas considerações, pois se não fosse a ação decidida, a mão pesada e diretiva, de Audálio Dantas, Carolina não estaria presente hoje.” (2016, p. 29).

Diante disso, com o avanço dos estudos sobre a obra, tem surgido o interesse em refletir sobre a luta pela resistência e existência da mulher negra nas periferias do Brasil analisando a figura de Carolina na obra *Quarto de despejo*. Com isso, esse trabalho tem como problemática analisar as lutas e as resistências que a personagem feminina enfrenta dentro da periferia de Canindé e como os moradores da própria favela a veem. Portanto, este trabalho busca resolver os seguintes questionamentos:

Como a personagem Carolina era vista pelos outros personagens da obra na favela de Canindé? De acordo com a personagem Carolina, como os desafios enfrentados pela mulher negra na favela se tornam difíceis de serem encarados ao longo dos dias?

Dessa maneira, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a luta que a mulher negra enfrenta dentro da periferia; já os específicos vêm refletindo sobre a figura da própria Carolina na obra *Quarto de Despejo* (1960), percebendo, ainda, a visão que os demais personagens têm sobre a mulher negra que perpassam a obra. Ademais, buscamos sinalizar a importância da fala de uma mulher negra que, historicamente, foi relegado a lugares à margem da sociedade e a uma condição subalterna.

A escolha por analisar a escrita de uma mulher negra, periférica e em situação de vulnerabilidade social surgiu mediante as aulas de duas exs professoras que mostraram a necessidade urgente de ampliar os olhares acadêmicos sobre produções literárias que durante muito tempo foram marginalizadas. Neste contexto, a obra de Carolina Maria de Jesus se revela fundamental. Escritora negra, pobre e moradora de favela, ela transformou sua experiência de vida em matéria literária, denunciando, por meio de sua escrita, as desigualdades sociais, o racismo estrutural e as múltiplas formas de opressão enfrentadas por mulheres negras nas periferias do Brasil.

A pesquisa será desenvolvida através de seleção e leituras de textos que possibilitem a plena realização do objetivo. A escolha da obra literária para o trabalho foi a peça fundamental para a explanação e denúncia das violências e lutas sofridas por essas mulheres na década de 60 que ainda percorrem os dias atuais, são assuntos abordados na obra aqueles que não tinham sido vistos e expostos à sociedade. A pesquisa será de cunho bibliográfico pois consiste da seleção e leituras de textos, tanto teóricos quanto literários que possibilitem a plena realização do objetivo. A escolha da obra literária para o trabalho foi a peça fundamental para a explanação e denúncia das violências e lutas sofridas por essas mulheres na década de 60 que ainda percorrem os dias atuais, são assuntos abordados na obra aqueles que não tinham sido vistos e expostos a sociedade.

2 ENTRE O LIXO E A LUTA: A (R)EXISTÊNCIA FEMININA NEGRA EM QUARTO DE DESPEJO

Segundo Anna Faedrich Martins em um dos seus estudos, ela começa a analisar os trabalhos de Philippe Lejeune, no qual ela sintetiza o seguinte:

A literatura de cunho íntimo, confessional e subjetiva, é aquela que mais se aproxima do leitor, pois está centrada no sujeito, fala de um Eu que desnuda toda sua vida, se revela, estabelecendo, assim, um elo perfeito entre autor e leitor. As narrativas de introspecção são compostas por diferentes gêneros literários, entre eles a autobiografia, a biografia, o romance autobiográfico, a narrativa epistolar, o diário íntimo, o diário ficcional e a autoficção (Martins,

2008, p.01).

Carolina Maria de Jesus constrói uma obra literária que é um documento social e ao mesmo tempo uma expressão subjetiva. A autora utiliza sua escrita íntima e transforma no “eu” de muitas vozes, se tornando uma voz coletiva que pode gerar uma identificação e estabelecer uma ligação mais direta com o leitor, justamente porque se trata de algo real. Sua escrita toca, provoca e transforma a visão do leitor. A obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960) transita entre diferentes gêneros, é um diário íntimo por sua estrutura, espontaneidade e forma, tem seus traços autobiográfico por narrar a vida da autora, seus traços introspecção confessionais pois revela sentimentos profundos.

O estudo “*El pacto autobiográfico*” (1975) de Philippe Lejeune, traz algumas contribuições para descrever e explicar esse tipo de trabalho feito por Jesus. O autor aponta alguns elementos para a definição da autobiografia, alguns deles são:

1. Forma de linguagem:
 - a) narração;
 - b) em prosa.
2. Tema tratado: vida individual, história de uma personalidade.
3. Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.
4. Posição do narrador:
 - a) identidade do narrador e do personagem principal;
 - b) perspectiva retrospectiva da narração⁵ (LEJEUNE, 1991, p. 48).

O diário de Jesus abarca esses elementos autobiográficos expostos acima, pois a obra contém uma linguagem simples e direta caracterizada como prosa. Cada fala da autora vai narrar acontecimentos do seu próprio cotidiano.

Para representar na obra a forma de linguagem, Jesus traz trechos como “...Hoje não saí para catar papel. Vou deitar. Não estou cansada e não tenho sono. Hontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade” (Jesus, 1960, p. 26) é um dos exemplos que mostra uma linguagem direta, simples e profundamente pessoal. A autora utiliza uma estrutura narrativa em prosa que se assemelha a um diário íntimo, onde os acontecimentos são descritos de maneira sequencial e pessoal, revelando o cotidiano da personagem com espontaneidade e autenticidade. Sua linguagem não é apenas uma escolha estilística, mas uma ferramenta de resistência e denúncia.

O segundo ponto, vem abordando um tema central em que o livro vem tratando, a vida de uma mulher negra, pobre, mãe solo, moradora da favela do Canindé. Ela narra sua luta diária contra a fome, o preconceito e a exclusão social de maneira nua e crua. Essa demonstração fica evidente em vários fragmentos, “[...] Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem privilégio de gosar descanso.” (1960, p.20) Jesus apresenta uma abordagem central, a sua própria luta, existência e resistência.

O terceiro elemento apontado por Lejeune (1991), a autora vem representada como personagem, escritora e narradora, com isso é estabelecido um “pacto autobiográfico” em que fica visível para o leitor que quem escreve é quem viveu os próprios fatos. Como concretiza Jesus “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo.” (1960, p.33) trecho como esse revela que a escrita é um instrumento de afirmação da própria identidade adotada por vários escritores, ela trocava o trabalho exaustivo da coleta de papel por um ato de criação, rompendo com o silêncio imposto à mulher negra e periférica.

O último elemento estabelecido por Lejeune (1991) refere-se à posição do narrador sob a perspectiva da construção de sua própria identidade e do personagem principal, Jesus vai narrar sua história em primeira pessoa, deixando evidente a sua própria identidade, a voz da narrativa é pessoal e direta, reforçando que ela é ao mesmo tempo narradora e protagonista da sua própria história. Ainda presente na posição de narrador, o autor coloca a perspectiva e a retrospectiva da narração, embora o diário de Jesus seja uma representação do seu tempo atual, a autora aborda a reflexão do seu passado e sua condição real, revelando uma visão crítica e retrospectiva.

Conforme os princípios autobiográficos expostos por Lejeune (1991) é perceptível tais elementos presente no objeto deste estudo, em que Jesus adere esses critérios para demonstrar o seu “eu” na sua obra, o diário da autora, de modo geral, é uma narração em prosa, trata da vida de uma pessoa real, a autora, narradora e personagem principal são a mesma pessoa, e há uma perspectiva reflexiva sobre a própria trajetória tanto da autora quanto das outras vozes que estão “escondidas” através da escrita de Jesus.

Historicamente, foi concedida a fala a um grupo restrito de homens brancos, héteros e da alta classe, como consequência a produção literária também reflete esse processo, isto é, esse nicho de pessoas que, por muito tempo, representaram uma literatura nacional. A autora Dalcastagne (2012, p. 05) destaca que “quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado”. Dessa forma, esse processo da escrita possui vários desafios para todas as pessoas fora do padrão que lutavam para se estabelecer dentro da literatura, já que suas vozes sempre foram silenciadas. Assim eles existiam em um lugar duas vezes mais difícil, visto que não era apenas escrever, mas ser reconhecido por sua escrita. Essa luta por território literário perpassou o tempo e ainda hoje existe à busca por legitimidade no âmbito da escrita.

Diante desse cenário que Jesus rompe e ultrapassa as barreiras do tempo e dos estigmas tradicionais para a época. A sua trajetória na literatura é ligada à luta pelo “ser mulher” em uma sociedade marcada pelo machismo, sendo uma mãe negra que cuidava de tudo sozinha. Carolina relata em seus cadernos encardidos o desprezo dos moradores ao vê-la escrevendo “A Silva pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. Ela disse: - Você é mesmo uma vagabunda. Dormia no Alberque Noturno. O seu fim era acabar na maloca.” (Jesus, 1960, p.26). Ao escrever sobre sua vivência ela enfrentou o preconceito não apenas por sua condição de classe, mas também por buscar esse espaço literário tão dificilmente marcado para os padrões da época.

Para compreender sobre o contexto social do Brasil em que se destaca a autora, deve-se ter a consciência de que a figura feminina lutou e sobreviveu para ter lugar de vez e voz na sociedade brasileira. As transformações relacionadas às mulheres foram resultado de um longo processo histórico e social, marcado por lutas, conquistas e acúmulo de experiências que culminaram no reconhecimento de seus direitos e papéis na sociedade. De acordo com Paladino (2010) (*apud*) Araújo (2015), ele afirma que:

Entretanto as mudanças não ocorreram de um dia para o outro, a década de 50 veio para quebrar os padrões estabelecidos nas décadas passadas em relação ao comportamento feminino, tal década acabou por influenciar as décadas seguintes, como as de 60 e 70 (Paladino, 2010, p. 08).

Desse modo, percebe-se que as mulheres começam a furar a bolha imposta

socialmente, buscando seus direitos, melhorias e uma vida de mais conforto e liberdade. Dentre essas mulheres, estão as mulheres negras e residentes da favela, para fim de serem reconhecidas socialmente por suas habilidades literárias e por suas existências. É nesse lugar que Jesus se destaca, trazendo críticas aos políticos e à favela, a autora afirma que: “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.” (1960, p.42), assim perpetua no tempo uma luta voltada para ser ouvida e ouvirem aqueles que foram silenciados pela sociedade, os favelados.

Em meio à pobreza e à exclusão, Carolina enfrenta não apenas a fome e o abandono, mas também o peso de um sistema patriarcal que tenta silenciar sua voz e limitar sua liberdade como mulher. Para se entender o patriarcado bell hooks classifica como:

O patriarcado é um sistema político-social que insiste que os homens são inerentemente dominadores, superiores a tudo e a qualquer um considerado fraco, especialmente mulheres, e dotados do direito de dominar e reinar sobre todos os fracos e manter essa dominância por meio de várias formas de terrorismo psicológico e violência. (hooks, p. 32)

Com essa configuração do patriarcado em que apenas homens têm direito de tudo, no qual estabelece a supremacia masculina como princípio organizador das relações sociais, culturais e institucionais, ocasionou em um modelo, que se perpetuou ao longo dos tempos, de dominação de grupos que eram determinados como vulneráveis, as mulheres. Tal estrutura opera não apenas nas esferas públicas, mas também estão presentes nas dinâmicas familiares e afetivas, reproduzindo práticas de silenciamento, subordinação e marginalização. Carolina Maria de Jesus vivencia na pele essas múltiplas camadas que se entrelaçam com o patriarcado dominante. Em sua obra, a ausência da figura masculina, imposta como provedor e dominante de um lar, quebra as práticas do patriarcado. Jesus rompe o sistema quando passa a assumir sozinha o papel de provedora, educadora e protetora, subvertendo o modelo patriarcal que associa autoridade e liderança ao homem em relação à família.

Outro fato interessante é que Jesus não rompe apenas o estereótipo de família, mas também rompe os padrões literários já que mulheres eram excluídas deste local. Ela dá o direito à autoria e à voz não só para a sua história, mas para as inúmeras vozes que enfrentaram o silenciamento que foi imposto às mulheres em situação de vulnerabilidade, além de denunciar as violências que a população negra sofre, torna um ato político contra o sistema patriarcal, buscando voz e melhorias de vida para essas pessoas.

Na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), a autora busca relatar as suas vivências, desafios, dificuldades e lutas enfrentadas dentro da favela de Canindé, na cidade de São Paulo. O enredo do livro se dá a partir do dia 15 de julho de 1955, narrado em primeira pessoa pela própria autora que também é a personagem principal da história, sendo assim caracterizado como um diário autobiográfico, de acordo com os princípios de Philippe Lejeune (1991). É possível entender que além do preconceito econômico a personagem sofre tanto com o machismo por ser mulher e mãe solo quanto também com um preconceito racial. Jesus fala sobre o machismo que enfrenta por ser do gênero feminino da seguinte maneira:

Sai a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São

Paulo, varias pessoas saiam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou insultar-me:
 - vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia.
 Eu estava indisposta. (Jesus, 1960, p. 21)

Com isso, fica evidente o desprezo e machismo presente na sociedade naquela época, manifestando em suas escritas a sua indignação com a população. Por ser uma figura feminina e negra, sofre descaso pelos homens da própria cor. Como já sinalizava Spivak (2010) a mulher negra é duplamente subalterna.

Diante desses fatos, surge a visão estereotipada da mulher negra como um objeto sexual para os homens brancos e os homens negros, na obra a autora comenta sobre essa sexualização: "... Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele, que eu estou lhe desprezando. Disse-lhe: Não." (1960, p. 32). Esse trecho vem revelando de forma direta e contundente, a realidade da sexualização da mulher negra e pobre na favela. A proposta feita por Seu Gino vem de maneira em que se disfarça em forma de convite, carregando a expectativa de disponibilidade sexual que vai ignorar a autonomia e a dignidade da mulher. Essa abordagem evidencia como o corpo feminino, especialmente o corpo negro, é historicamente tratado como objeto acessível, reforçando estereótipos racistas e patriarcais exposto na sociedade. Ao responder com um "não", Jesus afirma sua resistência diante da opressão, recusando-se a submeter-se à lógica da submissão sexual como moeda de troca por favores ou sobrevivência. Seu posicionamento revela não apenas sua força individual, mas também a denúncia de uma estrutura social que marginaliza e violenta mulheres negras, tornando sua escrita um ato político e de afirmação identitária.

Segundo Araújo (2022) em seu trabalho *a Hipersexualização dos corpos negros na Literatura Brasileira Herança Racista na Contemporaneidade* (2022), no capítulo intitulado em 'Erotização do corpo negro na literatura brasileira' afirma que "Sendo a negra na posição de "gostosa", ignorante e inadequada para relacionamento afetivo, ou seja, é a mulher que adequada somente para relações sexuais, a mulher que satisfaz os desejos do homem branco." (Araújo, 2020, p. 17) a autora denuncia uma das formas mais perversas de racismo e sexismo: a hipersexualização da mulher negra. Ao ser reduzida à figura da "gostosa", ignorante e inadequada para relações afetivas, a mulher negra é colocada em um lugar de objetificação, onde sua humanidade, inteligência e afetividade são negadas, no qual o corpo apenas é visto como algo que proporciona prazer.

Na obra de Jesus, esse estereótipo não é tratado diretamente com esses termos, ele está presente nas entrelinhas. Jesus, como mulher negra, pobre e favelada, enfrenta o desprezo afetivo e social. Sua escrita é uma forma de romper com essa imagem imposta, mostrando sua inteligência, sensibilidade e consciência crítica, atributos que o machismo e o racismo tentam apagar. Jesus é fruto direto do processo histórico colonial do Brasil. Sua obra revela como os efeitos do colonialismo continuam a operar no cotidiano das populações marginalizadas.

Carolina Maria de Jesus, em sua obra, comenta que quando se pensa na vida das pessoas residentes da favela, é possível entender que ela foi escrita por diferentes ângulos, visões e autores que buscaram representar essa população, porém essa análise foi realizada de um ângulo diferente, feita por uma perspectiva de quem estava vivendo nesse ambiente e enfrentando os desafios que ali existiam.

Com isso, Audálio Dantas em 'A Atualidade do mundo de Carolina'³, diz que a

³ A atualidade do mundo de Carolina é uma apresentação realizada no livro Quarto de Despejo: Diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus.

busca incansável por uma literatura que fizesse a demonstração dessa realidade, foi encontrada em alguns cadernos encardidos e achados no lixo que eram guardados em um pequeno barraco, ao ler, o leitor se deparava com a fome, a miséria, o desprezo, o preconceito e até mesmo o racismo. Nesse cenário, a personagem começa a receber ataques e críticas dos próprios moradores da comunidade, os mesmo que ali residem “A única coisa que você sabe fazer é catar papel” (1960, p. 26) afirmou Silva, uma moradora residente da periferia.

Essa afirmação revela o preconceito que a autora enfrenta por ser pobre e catadora, a frase carrega uma tentativa de reduzir sua identidade apenas ao trabalho braçal, ignorando quem ela era como escritora, mãe e pessoa. No entanto, a sua trajetória demonstra exatamente o contrário dessa afirmação, ela conseguiu furar a bolha e sair desse local marginalizado, transformando seu trabalho em um ato de resistência, pois foram desses papéis que surgiram os registros que deram origem a obra literária que hoje causa grande impacto social.

As condições de produção da autora são repercutidas ao decorrer da obra pois, ao mesmo tempo que Jesus estava escrevendo seu livro, ela estava exercendo o papel de personagem principal da sua própria história, destacando suas dificuldades, limitações e racismo sofrido dentro da comunidade, perante isso, percebemos que a vida da personagem ultrapassa as barreiras colocadas pela literatura fazendo uma representação real da sua vida.

3 RACISMO ESTRUTURAL E POBREZA: O BRASIL QUE CAROLINA REVELA

A análise vai ser realizada a partir da escolha de alguns trechos envolvendo o racismo e as condições de vida da autora na obra. Destacando os principais pontos do livro que é representado pelo racismo estrutural existente na sociedade brasileira, ou seja, a visão racista e preconceituosa dos próprios moradores da favela em relação à figura da personagem principal que é uma mulher negra, no qual vai ser perceptível, que mesmo que estejam no mesmo lugar, vivam as mesmas condições que ela, vão se sentir superiores mediante uma mulher negra que precisa cuidar e sustentar sozinha 3 filhos.

Ao tratar sobre o racismo envolvendo a mulher negra na sociedade, Sueli Carneiro comenta que:

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira (Carneiro, 2022, p. 2).

Esse fragmento é uma reflexão sobre a complexidade da luta feminista no Brasil, especialmente ao destacar que a opressão de gênero não pode ser combatida de forma eficaz sem enfrentar também o racismo. A autora evidencia que o feminismo, quando centrado apenas nas experiências das mulheres brancas, corre o risco de reproduzir as mesmas estruturas de exclusão que pretende combater.

A autora nos convida a reconhecer que não há uma única experiência de ser mulher, e que a luta por igualdade precisa considerar as múltiplas camadas de opressão colocada pelo poder do Brasil que afetam diferentes grupos. No contexto da obra *Quarto de Despejo*, por exemplo, Jesus encarna essa interseccionalidade: mulher, negra, pobre e favelada, ela denuncia com sua escrita as violências que se entrelaçam em sua existência e que ainda hoje persistem em nossa sociedade.

Em decorrência disso, surgem as lutas por sobrevivência da mulher negra na sociedade machista e patriarcal, levando assim com que a autora comece a escrever e denunciar os problemas encontrados no dia a dia deixado pelo colonialismo.

Em uma dessas denúncias, a autora traz o relato de indignação de um dos casos de racismo que estavam presentes naquela época:

...Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (Jesus, 1960, p.101)

A autora inicia com uma cena cotidiana, uma situação na rua que mostra que mesmo em momentos simples, como pagar um serviço, surgem conversas sobre injustiças sociais envolvendo os negros. Em tais conversas, ela relata um caso de brutalidade policial contra um homem negro em que a imagem de violência e amarração sofrida remete a torturas da época da escravização, por mais que já tenha tido a sua abolição. A lógica racista exposta na notícia utiliza o termo “bode expiatório” para indicar que os negros são punidos ou usados como alvo para justificar ações violentas ou repressivas, mostrando que a mentalidade escravocrata persiste e percorre até os dias atuais.

Ao abordar as condições de produção de um autor, é imprescindível considerar uma série de fatores que influenciam diretamente sua escrita, tais como o gênero, a situação socioeconômica, o contexto habitacional e outros elementos que moldam sua experiência e visão de mundo. Sobretudo Dianne Cristine Rodrigues de Melo (2020) destaca que quando falamos sobre as circunstâncias para se produzir literatura de uma mulher negra e favelada, esses desafios se multiplicam. Para se falar sobre a visão de como olhamos para o lugar de onde essas pessoas existem e resistem, devemos ter a consciência das potencialidades, mazelas e as memórias que existem nas pessoas que viveram e ainda vivem nesses locais, significando assim, as histórias presente em cada escrita.

Quando a personagem narra suas vivências, dificuldades e lutas, suas palavras revelam atrocidades que, embora chocantes, são reais e continuam acontecendo diariamente nos locais onde essas pessoas residem. *Quarto de Despejo* não é apenas uma leitura da década de 60 é um retrato atual. O “quarto de despejo” do Brasil segue lotado, com os mesmos problemas persistentes, incluindo o racismo e o preconceito da sociedade brasileira, que muitas vezes parte até dos próprios moradores desses ambientes.

Atualmente, ainda se vê a luta por liberdade no âmbito literário dentro da sociedade, poder político, educação e outros meios sociais por parte da mulher. Em uma fala da ministra Cármen Lúcia postada na página ‘mulheres.historicas’ na rede social *Instagram*, ela afirma que “Nós mulheres ficamos 2.000 anos caladas e nós queremos ter o direito de falar” (Mulheres Históricas, 11 set. 2025). Desse modo é mostrado que a mulher ainda percorre as objeções impostas por aqueles que estão

no poder, em busca de sobrevivência e ser vista nos principais espaços sejam eles públicos e privados. É notório também ver o avanço que essas mulheres tiveram ao longo dos anos, conquistando espaços de prestígios.

Para se obter o resultado da mulher chegar em locais de grandes prestígios, como política e educação, tem o fator histórico que, de acordo com Lia Faria (1997) em seu livro *Ideologia e Utopia nos anos 60 um olhar feminino* no capítulo 'Política é coisa de homem?' ela afirma que:

A década de 60 foi bastante marcante para nossa sociedade por ter sido o momento de consolidação dos valores que têm a mulher como protagonista. É a partir de nosso inventário como educadora/professora de História que lançamos nossos olhares femininos sobre ideologias e utopias que povoaram este imaginário social e político das mulheres (...) (Faria, 1997, p.16)

Em consequência disso, é possível notar as mudanças que ocorrem a partir desse pontapé inicial que envolve a figura feminina. Para as mulheres de classe média alta e brancas, se tornou mais 'fácil' pois tiveram privilégios, porém, para as mulheres de classes baixas se tornou ainda mais complicado exercer tal papel na sociedade, ou até mesmo, uma qualidade de vida melhor.

As várias discriminações envolvendo as mulheres têm origem no patriarcalismo brasileiro, que historicamente reservou aos homens os privilégios e prestígios sociais, mantendo essa desigualdade até os dias atuais. Desse modo, mulheres negras também tiveram dificuldades de alcançar tal posição, Jesus (1960) relata em seu diário o desejo de defender a nação brasileira, afirmando que "...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. (...)" (1960, p.55). Esse desejo não era apenas um vago desejo de defender a pátria, mas de se tornar um indivíduo de direitos, que transita em lugares, acessa benefícios, coisas que historicamente são muito mais fáceis para os homens. O desejo de ser homem da autora pode ser compreendido como um desejo de viver com o mínimo de direitos, que eram muito mais assegurados aos homens, apesar das dificuldades impostas pelo patriarcado, Jesus demonstrava uma forte vontade de transformar não apenas a própria realidade, mas também a das mulheres que viviam em condições semelhantes às sua.

Essa declaração revela que, ao ler sobre a história do Brasil, Jesus sentia a ausência de figuras femininas como agentes de transformação e defesa nacional. O desejo de "ser homem" não se tratava de uma rejeição de sua identidade feminina, mas sim de uma crítica à invisibilidade das mulheres na narrativa oficial e à limitação de seus papéis sociais. Ela queria ocupar um lugar de ação, reconhecimento e poder, lugares historicamente negados às mulheres, especialmente às mulheres negras e pobres.

Essa afirmação estava profundamente ligada à sua percepção das desigualdades de gênero e à exclusão das mulheres dos espaços de protagonismo histórico e político, a vontade de lutar para se ter um Brasil com condições de sobrevivência mais favoráveis aos moradores da favela, fazendo uma ponte para que os políticos pudessem voltar seus olhares para a favela, chamando atenção para o descaso que existia e ainda existe até hoje com moradores da favela e a própria favela em si. A autora tinha esse pensamento não apenas para fins pessoais, mas para atender as necessidades daqueles que também residiam na favela junto a ela "O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças" (1960,

p.35) em trechos como este Carolina Maria de Jesus evidencia a fome como uma das problemáticas mais recorrentes na realidade das favelas. Ao atribuir uma cor à fome “Carolina viu a cor da fome: a amarela” (1960, p.202) a autora não apenas personifica essa condição, mas também lhe confere uma dimensão sensível e concreta, revelando sua presença constante e devastadora. Essa observação é destacada por Dantas (1993) em *A Atualidade do Mundo de Carolina*, obra que reforça a relevância da denúncia social presente nos escritos da autora.

À medida que a personagem relata seus dias no seu diário, ela retoma esse desejo de sobrevivência e busca por melhorias de vida “Deve lutar para melhorar o Brasil para que os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo.” (Jesus, 1960, p.55) afirma a personagem com o intuito de oferecer uma situação social digna a seus filhos no meio de uma sociedade machista, capitalista, racista, classista e excludente.

Do mesmo modo que se tem todo um contexto por trás das lutas das mulheres, encontram-se outras causas envolvendo a situação do local que a personagem estava inserida, destacando a extrema pobreza, consequências essas demarcadas em seu diário, ambiente sujo, cheio de lama, ambiente marginalizado.

Nas primeiras páginas do seu livro, a autora começa a escrever as condições que ela enfrentava dentro da comunidade, destacando os problemas e lutas que ela enfrenta diariamente:

15 de julho de 1955 Aniversario da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (Jesus, 1960, p. 19).

A autora expõe de forma direta e sem subterfúgios as duras condições enfrentadas pela população marginalizada, com especial ênfase em sua própria vivência, revelando as múltiplas dimensões da exclusão social que atravessam seu cotidiano. Essa luta incansável para sobreviver é frequente todos os dias, desgastando seu corpo e saúde mental, afinal não é fácil viver em condições de sobrevivência e lutar para colocar comida na mesa para quatro pessoas. A personagem se sente culpada por não poder oferecer aos filhos o mínimo de uma vida digna, presentear seus filhos com aquilo que pedem, sua filha Eunice não gostava de andar sem sandália no meio de toda aquela lama e sujeira, então pediu um simples par de sapato, porém a autora percebia que só poderia atender a um de seus pedidos: ou comida ou o sapato, já que para eles a alimentação estava com um preço alto. Os desejos de seus filhos na maioria das vezes eram atendidos em meio a pertences encontrados no lixo.

Em tempos de instabilidade econômica e desigualdade social, milhares de pessoas enfrentam diariamente o desafio de garantir o básico para sobreviver. A escassez de recursos, o desemprego e o aumento do custo de vida tornam a luta por comida e dinheiro uma realidade dura e persistente. É nesse contexto que se torna essencial refletir sobre o impacto dessas dificuldades na dignidade humana. Como bem a autora expressa sua situação na seguinte citação:

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se (Jesus, 1960, p.19).

Tais falas da personagem revela uma realidade nua e crua com a pobreza extrema vivida pelas mulheres negras nas periferias urbanas do Brasil na década de 60. Quando ela se refere a 'eu não tinha um tostão para comprar pão' deixa explícito a escassez absoluta de recursos. A fome era algo constante, no qual um simples pão considerado o símbolo básico da subsistência era inviável para eles. Ao se referir "Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se." ressalta a divisão cuidadosa que era preciso ter com o dinheiro ganho em trabalhos realizados por ela, para garantir o mínimo de alimentação possível. O dinheiro mal cobre a necessidade básica, evidenciando a instabilidade financeira constante. A coleta de papel e a troca de materiais são uma das poucas atividades que representa a economia da favela, se baseia em trocas informais e redes de solidariedade precária. O valor recebido é irrisório, mas representa um esforço físico e cotidiano invisibilizado pela sociedade.

As dificuldades enfrentadas pela autora eram descritas em vários momentos da obra, tais fragmentos deixam explícito como a população negra sobrevive em meio às condições de vida disponibilizadas para essas pessoas. Em uma de suas falas, a autora relata o preconceito e a luta que enfrenta todos os dias por ser mãe solo e negra:

... Elas vai na feira, cata cabeça de peixe, tudo que pode aproveitar. Come qualquer coisa. Tem estômago de cimento armado (...) As vezes eu ligo o radio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o João José disse:

- Que mamãe boa!

Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz:

-Que crianças mal iducadas! (Jesus, 1960, p. 26)

A autora apresenta como enfrenta uma luta contínua para garantir a subsistência de seus filhos, essa luta enfrentada na rua, na sua casa e com os próprios moradores, mostra também momentos de ternura entre a mãe e os filhos, para que a dureza da vida não roubasse o brilho de dançar e comer doces entre eles, se encontra inserida em um contexto de vulnerabilidade social marcado pela realidade da favela. Essa condição exige resistência cotidiana diante das adversidades socioeconômicas. Seus filhos, por sua vez, são alvo recorrente de discriminação estrutural, em razão de sua identidade racial, por serem negros, e da configuração familiar, como filhos de uma mulher negra e mãe solo, o que evidencia múltiplas camadas de exclusão e preconceito.

Os filhos da autora, por serem negros e oriundos de uma família monoparental, enfrentam o desprezo e a marginalização desde a infância. O racismo estrutural opera de forma silenciosa e persistente, naturalizando a exclusão e limitando o acesso a direitos básicos como educação de qualidade, saúde e segurança. A cor da pele, associada à condição social e à ausência paterna, tornam-se marcadores de inferioridade aos olhos de uma sociedade que ainda reproduz padrões coloniais de hierarquização racial e familiar. Ao refletir sobre a realidade da autora, seus filhos sofrem o desprezo e o racismo dos moradores da comunidade:

Trabalhei depressa pensando que aquelas bestas humanas são capás de invadir o meu barracão e maltratar meus filhos. Trabalhei apreensiva e agitada. A minha cabeça começou doer. Elas costuma esperar eu sair para vir no meu barracão expandar os meus filhos justamente quando eu não estou em casa. Quando as crianças estão sozinhas e não podem defender-se

(Jesus, 1960, p. 25).

Em um dos trechos mais angustiantes de seu diário, Jesus expõe a crueldade, dificuldade e realidade da maternidade, em que mesmo trabalhando para sustentar os filhos, vive sob a sombra da violência e da impotência diante da brutalidade alheia. Expressando tensão e urgência em trabalhar, no qual ocasiona o medo de que pessoas mal-intencionadas ataquem seus filhos em sua ausência, por serem negros sofrem ataques recorrentes dos moradores. É notório perceber o impacto emocional presente na fala da autora, manifestando fisicamente no seu corpo. A dor relatada por ela vem simbolizando o cansaço e o peso mental, impulsionada pela preocupação, medo e impotência para defender seus filhos.

Em síntese, a obra revela um cenário de múltiplas opressões e resistências que atravessam o cotidiano dessas mulheres. A autora utilizou sua vontade de escrever e transformou suas vivências em denúncia social e afirmação de identidade, rompendo com o silêncio imposto pelo racismo, pelo patriarcado e pela exclusão de classe. Ela vem sintetizando com precisão a sua realidade, sobrevivendo catando papel e outros materiais descartados para sobreviver, mas também recolhe palavras e experiências para construir uma narrativa de resistência. Sua escrita transforma o cotidiano da favela marcado pelo abandono e pela exclusão, em denúncia e afirmação de identidade.

Ao escrever, a autora desafia as estruturas que a oprimem, marcando assim a sua voz na literatura brasileira, tornando o símbolo de luta que é individual e coletiva ao mesmo tempo. Sua trajetória revela que, mesmo entre o lixo, há dignidade, força e potência. Assim, *Quarto de Despejo* vai muito além de um diário, se torna um manifesto da mulher negra periférica que resiste, existe e transforma sua vida, dando visibilidade a inúmeras mulheres que vivem na mesma situação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise, é notório perceber que a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, é um marco na literatura brasileira e na luta pela visibilidade da mulher negra periférica. Ela transforma o espaço da exclusão, que foi representado pela vida na favela e condições de extrema pobreza, em território de resistência e produção de saber. Sua escrita foi marcada pela dor e pela dignidade, rompendo o silêncio imposto às mulheres negras e revelando uma consciência crítica sobre as estruturas de opressão que atravessam sua vida: o racismo, o patriarcado e a desigualdade social.

No primeiro momento, foi discutida a resistência cotidiana protagonizada pela mulher negra periférica frente às estruturas sociais brasileiras. Essa resistência manifesta-se, sobretudo, na luta pela sobrevivência, na proteção de seus filhos e na busca por melhores condições de vida, configurando-se como um ato político e de afirmação identitária.

Em seguida, foram analisadas as condições de produção enfrentadas pela autora, evidenciando sua posição subalterna no campo literário e social. A obra em questão foi caracterizada como uma autobiografia, na qual a autora narra sua trajetória pessoal, marcada por experiências de marginalização e exclusão.

Posteriormente, após a abordagem teórica sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus, destacou-se a percepção dos moradores da comunidade em relação à figura da mulher negra. Foram evidenciados os episódios de desrespeito, preconceito e racismo vivenciados pela personagem/autora, revelando as múltiplas formas de

opressão que atravessam sua existência e que são denunciadas em sua produção literária.

A sua luta não é apenas pela sobrevivência física, mas pela afirmação de sua própria humanidade e voz. Ao narrar suas vivências, ela requer o direito de ser reconhecida. Sua trajetória inspira uma reflexão profunda sobre os limites da cidadania no Brasil e sobre a urgência de incluir as vozes marginalizadas no debate público envolvendo saúde, educação e condições de vida. Assim, a conclusão é que a obra vai muito além de uma autobiográfica, se torna um símbolo da (r)existência feminina negra nas periferias brasileiras, marcando não só o descaso, mas também o racismo dos moradores, deixando evidente que o quarto de despejo de uma cidade é a favela, onde se tem pessoas de todos os tipos, porém com lutas e vidas diferentes umas das outras.

O respectivo trabalho tem o intuito de contribuir positivamente para a formação dos novos alunos, mostrando a realidade da sociedade brasileira e conscientizando para essa temática.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fernanda Cristina Santos. ***O comportamento das mulheres nas décadas de 1960 a 1970, a partir das revistas Cláudia e Nova***. 2015. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Goiás, Campus Pires do Rio, Pires do Rio-GO, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ueg.br/jspui/bitstream/riueg/4333/2/MG9%2022011-2015.pdf>.

Acesso em: 12 set. 2025.

ARAÚJO, Gisele Bento de. **Hiper sexualização dos corpos negros na literatura brasileira: herança racista na contemporaneidade**. / Gisele Bento de Araujo Araujo. – Porto Nacional, TO, 2022.

ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; MARRECO, Maria Inês; TOLENTINO, Luana (Org.). **Memorialismo e resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina**. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2022. Disponível em: https://saraus.com.br/downloads/enegrecer_o_feminismo_sueli_carneiro.pdf. Acesso em: 11 out. 2025.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. – Vinhedo, Editora Horizonte / Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012
Faria, Lia **Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino** / Lia Faria.– Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997. 176p.:il.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações de Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 244–259.

HOOKS, bell. **A disposição para mudar: o espírito da transformação**. Tradução de Milena M. Morentin. São Paulo: Elefante, 2021.

Instituto Moreira Salles, **Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros**. Disponível em: <https://ims.com.br/2022/02/01/carolina-maria-de-jesus-um-brasil-para-os-brasileiros-textos-da-exposicao/#:~:text=Carolina%20Maria%20de%20Jesus%20%C3%A9,Um%20Brasil%20para%20os%20brasileiros>. Acesso em: 15 de abril de 2025.

JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977. **Quarto de despejo: diário de uma favelada** / Carolina Maria de Jesus; ilustração de No Martins. -- 1, ed. -- São Paulo: Ática, 2020.

LEJEUNE, Philippe. **El pacto autobiográfico**. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991. p. 47-61.

MARTINS, Anna Faedrich. Resenha de: LEJEUNE, Philippe. **El pacto autobiográfico**. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991. p. 47-61. Publicada em: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 345-348, jul./set. 2009.

MULHERES HISTÓRICAS. Cármen Lúcia: **"Nós mulheres ficamos 2.000 anos caladas e nós queremos ter o direito de falar"**. *Instagram*, 11 set. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/mulheres.historicas>. Acesso em: 11 out. 2025.

RODRIGUES, E. Carolina Maria de Jesus: **Quem foi a escritora que denunciou a fome no país**. Recife: ECOA UOL, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/11/06/quem-foi-carolina-maria-de-jesus.htm#:~:text=Carolina%20Maria%20de%20Jesus:%20Quem,denunciou%20a%20fome%20no%20pa%C3%ADs&text=A%20intimidade%20com%20a%20fome,14%20de%20mar%C3%A7o%20de%201914> . Acesso em: 15 de abril de 2025.

SANTOS, Monica Alexandre, **Trazendo Carolina Maria de Jesus para o Direito**. 2023. Disponível em: https://oabrij.org.br/sites/default/files/livro_trazendo_carolina_maria_jesus_direito_digital_0.pdf Acesso em: 15 de abril de 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELES, Maria Amélia de Almeida, **Violações dos direitos humanos das mulheres na ditadura. 2015**. Disponível em: <https://search.app/ZJEX1FfZBvxxLi6w7> Acessado em: 10 de março de 2025.